

# **Me formei! E agora, José?: O interesse na continuação dos estudos dos alunos concluintes do curso de Administração de duas IES do Sul do Brasil.**

**Giancarlo Gomes**

Universidade Regional de  
Blumenau - FURB  
[giancarlolog@al.furb.br](mailto:giancarlolog@al.furb.br)

**Olivo Tiago Giotto**

Universidade de Passo Fundo -  
UPF  
[olivo@upf.br](mailto:olivo@upf.br)

**Maria Jose Carvalho de Souza  
Domingues**

Universidade Regional de  
Blumenau - FURB  
[mariadomingues@furb.br](mailto:mariadomingues@furb.br)

## **RESUMO**

*O artigo apresenta os resultados de uma pesquisa que investigou o perfil pessoal e profissional dos alunos concluintes do curso de graduação em administração e o interesse em continuar seus estudos. A pesquisa caracteriza-se como do tipo descritiva, os dados foram coletados por meio de um questionário e aplicados junto a estudantes concluintes do curso de graduação em administração de duas Instituições de Ensino Superior (IES) do Sul do Brasil. Os dados mostram que os alunos das IES "A" e "B" apresentam as seguintes preferências: a grande maioria dos alunos pretende continuar seus estudos imediatamente após o término da graduação, pretendendo chegar até o mestrado, estudando na mesma instituição, com aulas presenciais, sem o auxílio financeiro da empresa onde trabalham e farão pós-graduação na área administrativa.*

Palavras-Chave: Educação Continuada. Pós-Graduação. Instituições de Ensino Superior.

## **1 – INTRODUÇÃO**

*“A festa acabou, a luz apagou, o povo sumiu, a noite esfriou, e agora, José?”  
Carlos Drummond de Andrade*

Sair da faculdade já não é tarefa fácil, fazer parte do mercado de trabalho é outro dilema. Este problema atinge inúmeros estudantes todos os anos, afinal, o que fazer depois de formados? O mundo dos negócios se mostra cada vez mais exigente, a graduação por si só não é mais um diferencial competitivo. Neste sentido a Educação Continuada vem a ser um processo de qualificação profissional que pode ser planejado a médio e longo prazo ou à medida que vão acontecendo às mudanças nos processos de trabalho. Esta é uma das estratégias usadas pelos profissionais para manterem sua empregabilidade.

Um estudo realizado por Melo e Borges (2005), apontou que alguns jovens frustram suas expectativas de ingresso e de estabilidade rápida no mercado de trabalho após a graduação, precisando refazer seus projetos de vida, como, por exemplo, a opção de um novo curso universitário ou de uma pós-graduação. Mesmo preenchendo o requisito do nível de escolaridade exigido pelo mercado de trabalho competitivo, surge a indagação sobre a qualidade de sua formação profissional.

Porto e Régnier (2003) abordam que a estreita associação com as transformações no mercado de trabalho e nas relações de emprego, os indivíduos necessitam ter a disposição para ‘aprender a aprender’ em uma temporalidade contínua, ao longo de toda a vida, isso se torna parte do portfólio mínimo para a empregabilidade.

A capacidade de aprender é uma das características universais humanas. A forma com que se aprende vem se desenvolvendo continuamente ao longo de diferentes épocas históricas, desde as mais longínquas civilizações egípcias, gregas, persas ou mulçumanas, até as mais modernas sociedades contemporâneas (CAVALCANTE, 2004).

A educação continuada pode ser utilizada para uma abordagem mais ampla, rica e potencial, na medida em que ela pode incorporar as noções de treinamento, capacitação, aperfeiçoamento dependendo da perspectiva, do objetivo ou dos aspectos a serem focalizados no processo educativo, permitindo que tenhamos visão menos fragmentária, mais inclusiva, menos maniqueísta ou polarizadora (MARIN, 1995).

Dilly e Jesus (1995, p. 92) entendem a educação continuada de forma mais ampla, considerando-a “[...] como um processo que se confunde com a própria vida [...]”. Como salienta Marim (2000), não se trata de uma novidade, muitos, de alguma forma, passaram por um processo de Educação Continuada, pressionados que foram e são pelas diferentes relações, numa escala maior ou menor, dentro de cada área de atuação. Em todo século XX, nasceram proposições de processos desta natureza denominados, de Educação Permanente.

A diferença existente entre educação permanente e educação continuada está no sentido de que enquanto a primeira é desenvolvida nos serviços, a segunda tem como ponto forte as universidades. Na década de oitenta, Paiva (1985, p. 45), definiu Educação Permanente como sendo:

Uma concepção dialética da educação, num duplo processo de aprofundamento tanto da experiência pessoal quanto da vida social global, que se traduz pela participação efetiva, ativa, responsável de cada sujeito envolvido, qualquer que seja a etapa da existência que ele esteja vivendo.

Se antes com a posse de diploma de curso superior era associada à garantia de vaga no mercado de trabalho e à obtenção de um determinado status social, hoje isso está deixando de ser verdadeiro. A necessidade de aprendizagem permanente passa a ser necessária para a vida profissional e, além disso, começa a ocupar lugar de destaque na esfera cultural passando a ser identificada como símbolo de status social: estar constantemente em processo de reciclagem, de aprendizagem, indica a preocupação com o futuro (PORTO e RÉGNIER, 2003).

Na mesma linha de pensamento, Leite e Lima (1997) versam que a elevação do número de diplomados criou uma situação em que a certificação deixou de ser um elemento de excelência no mundo do trabalho para tornar-se “quase” um acessório. Na visão de Monteiro (2002), qualquer profissional necessita, não importando sua formação, de um processo contínuo de ações educacionais voltados para sua formação continuada.

A tendência para o século XXI é a de uma formação constante, o contínuo apreender. Podendo ser formal ou informal, presencial ou à distância, utilizar técnicas e métodos rudimentares ou ainda recursos do *ciberespaço*. Necessita-se observar os requisitos de cada pessoa, suas habilidades e competências e principalmente identificar quais os recursos mais pertinentes e apropriados para cada situação. Ponderar as vantagens, limitações e desvantagens é apenas o começo (SOUTO e PORTELA 2005).

A educação continuada segundo Leite (2002), serve ao mesmo tempo às pesquisas educacionais, aos compromissos institucionais da educação e aos profissionais que atuam em todas as outras áreas, sendo desta maneira um processo prolongado por toda a vida de um indivíduo, num contínuo desenvolvimento.

Ela não resolveria todos os problemas do ser humano, pois existem outros de naturezas distintas, mas ajudaria muito no sentido de poder superar as relações de dependência e paternalismo, e encurtar as distâncias entre aqueles que sabem dos que não sabem (MARIN, 1995).

Acompanhar tais transformações de cenário exige esforços contínuos. O diploma já não trás a certeza de um bom emprego e estabilidade financeira, sendo necessário a busca por novos conhecimentos e a partir deles um diferencial competitivo. Considerando este panorama, o objetivo do estudo foi compreender as percepções de formandos em administração das duas IES pesquisadas quanto à realização da educação continuada.

## **2 – A EDUCAÇÃO CONTINUADA NA ADMINISTRAÇÃO**

O mercado de trabalho vive um momento de mudanças, principalmente na qualificação profissional, fazendo com que as pessoas transitem entre a profissão e o estudo. Para a área de administração inserida neste contexto, o desafio é investir em recursos humanos, usando a educação continuada como ferramenta para que os profissionais busquem formas de adaptação e agreguem novos valores para atender as demandas sociais do mercado.

Na visão de Albandes-Moreira (2005) parece existir uma disparidade entre a educação do administrador oferecida na escola de administração e o que interessa ao mundo da corporação, pois muitos programas de administração têm pouca relevância para a experiência do mundo real.

Pelo parecer CNE/CES 146/200, o desejado para o bacharel em Administração é que ele possa atender as necessidades básicas de sua profissão. Sendo assim, o perfil esperado é o que se segue: estar capacitado a compreender as questões científicas, técnicas, sociais e econômicas da produção e de seu gerenciamento no seu conjunto, observados os níveis graduais do processo de tomada de decisão, bem como a desenvolver o alto gerenciamento e a assimilação de novas informações, apresentando flexibilidade intelectual e adaptabilidade contextualizada no trato de situações diversas presentes ou emergentes nos vários segmentos do campo de atuação do administrador (BRASIL, 2002).

O Plano Nacional de Pós-Graduação está em mudança, delineando um novo ciclo de reformas que iniciam com a LDB (Leis de Diretrizes e Bases) e foram apoiadas pelo Plano Nacional de Pós-Graduação 2005/2010. Constituindo-se em resposta à política de integração entre a pós-graduação e a graduação, tendo como objetivo melhorar o ensino e a pesquisa em administração, visando assegurar a qualidade de ensino.

Devemos refletir se as propostas e as práticas de ensino dos cursos de pós-graduação em administração colaboram para formar profissionais capacitados, ou seja, para exercerem conhecimentos técnico-científicos ou acadêmico-científicos; o que esses cursos estão agregando à prática do ensino em administração, sendo inovadores em seus propósitos (GIULIANI et al. 2007)

Apesar das inúmeras falhas no processo de ensino em administração, a educação continuada não deve ser vista como uma busca pela falta de conhecimento que não se teve na graduação e sim como uma forma de aprimoramento contínuo. Leite (2002) afirma que ela não deve ser entendida como uma educação complementar, suprimindo deficiências da formação inicial, devendo esta ser entendida como o primeiro estágio da formação continuada, não sendo correta a interpretação de que a formação continuada viesse a corrigir os defeitos da formação inicial.

Uma das formas para a educação continuada é a pós-graduação, ela é “um importante segmento do ensino superior”, pois favorece o desenvolvimento da instituição, oferece oportunidade de educação continuada aos egressos da graduação e promove a pesquisa, realizando a tríplice função de uma universidade: ensino, pesquisa e extensão (SAMWAYS FILHO, 2004).

Segundo Gouvêa e Zwicker (2000), a pós-graduação tem sido um dos principais instrumentos utilizados pelas faculdades de administração para lidar com as mudanças no mundo dos negócios e no ambiente institucional.

Gonçalves et al (1998) salientam que o ensino superior é uma forma de prestação de serviços. Com o aumento do desemprego, a exigência de qualidade no ensino superior de graduação e pós-graduação tende a se intensificar, pois uma melhor formação profissional, embora não seja em si mesma garantia de emprego, pelo menos deve resultar em maior “empregabilidade” dos alunos formados.

As empresas enxutas requerem profissionais cada vez mais competentes. A educação continuada deixou de ser uma opção e passou a ser uma necessidade para os indivíduos que entram ou que precisam permanecer no mercado de trabalho (GIULIANI et al. 2007)

Mainardes, Deschamps e Domingues (2006), salientam que para se manterem atualizados hoje, os administradores, sofrem inúmeras e constantes pressões. Buscam assim novos conhecimentos para fazerem frente às soluções para os diversos problemas que ocorrem diariamente nos diferentes tipos de organizações. Estas soluções são frutos, na maioria das vezes, de mudanças contínuas que se apresentam nas instituições, tanto em âmbito externo como interno.

As funções estratégicas das empresas se encontram nos escalões mais altos das organizações, requerem maior conhecimento conceitual e humano. (Juliato, 2003). O fato é que algumas ações e tendências da modernidade parecem estar se difundindo rapidamente no ambiente empresarial nacional entre as organizações consideradas inovadoras. Entre essas tendências, destacam-se as políticas de treinamento, desenvolvimento e educação, que têm evoluído do modelo tradicional para a educação continuada ou corporativa (EBOLI, 2002).

Os termos treinamento e educação referem-se a tipos bastante distintos de atividades. O treinamento visa apenas melhorar o desempenho do empregado no cargo que ocupa. Já a educação refere-se às oportunidades dadas pela organização para que o empregado tenha seu potencial desenvolvido, por meio de novas habilidades que o capacitam a ocupar novos cargos dentro da mesma organização (ABBAD, 2003).

Nunes e Ferraz (2005) apontam que o aprendizado constante tornou-se uma prática para os graduandos em administração, principalmente os com níveis de educação e de qualificação mais elevados, polivalentes, capazes de tomar decisões, de lidar com situações novas e em constante mutação, com capacidade de inovação e de trabalhar em equipe e com criatividade. A exigência, portanto, é uma formação mais genérica, e a educação passou a ter papel fundamental no sentido de atender às novas demandas.

Para tornar-se um profissional de administração de empresas, é preciso possuir um conhecimento abrangente sobre os vários assuntos das diferentes áreas de atuação e estar disposto a aprender e a reaprender, contínua e sistematicamente (MAINARDES; DESCHAMPS e DOMINGUES, 2006).

Dilly e Jesus (1995) referem que a educação intramuros do funcionário deve ser um processo que propicie conhecimentos, capacitando-o para a execução adequada do trabalho e que prepare esse funcionário para futuras oportunidades de ascensão profissional, objetivando tanto o seu crescimento pessoal quanto o profissional.

Os graduandos em administração que optarem pela educação continuada podem fazê-lo pelos cursos de pós-graduação. A pós-graduação se divide em duas linhas bem claras: *lato sensu* e *stricto sensu*. A *lato sensu* objetiva revitalizar, aprimorar e aprofundar os conhecimentos adquiridos na graduação. Caracteriza-se por sua curta duração e flexibilidade curricular em termos de conteúdo, disciplinas e atividades acadêmicas. Ele capacita o profissional para melhor executar suas atividades, pois possibilita a atualização e o aprofundamento de conhecimentos, em determinada área do saber. Neste nível de ensino superior, o aluno cursa uma série de disciplinas mais específicas e produz um trabalho final acadêmico, de monografia, normalmente denominado de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Os cursos *stricto sensu* têm foco não só na formação de docentes, mas principalmente, na formação de pesquisadores ou cientistas, que são os mestrados e doutorados. O aluno também cursa uma série de disciplinas, sendo que os cursos têm uma área de concentração em uma ou mais linhas de pesquisas. Na produção do trabalho, o aluno defende uma dissertação no mestrado, ou uma tese no doutorado, sendo que estes trabalhos também são monografias. Para obter o título de mestre, o aluno deve apresentar uma dissertação sobre sua pesquisa perante uma banca examinadora formada por três doutores.

Segundo Grohmann (2004), apesar das críticas, é inegável que os cursos de pós-graduação *lato sensu* representam ainda uma das principais opções para a educação continuada, tendo o papel de aperfeiçoar, reciclar e atualizar conhecimentos, habilidades e atitudes daqueles que enfrentam o mercado de trabalho.

### 3 – MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA

Neste trabalho a população foi definida de maneira intencional, não probabilística, considerando o objeto da pesquisa os alunos formandos, sendo estes, portanto os sujeitos sociais do estudo. A pesquisa foi realizada em duas IES, uma do Rio Grande do Sul “A” e a outra do estado de Estado de Santa Catarina “B”. Justifica-se o interesse por estas duas IES, visto que foram criadas na década de 60, tendo vocação comunitária semelhante, além da organização estrutural com níveis hierárquicos muito próximos. Também o número de alunos é compatível quando voltado para o curso de graduação em administração, sendo 1.744 estudantes da IES A e 1.482 estudantes na IES B. O universo de dados foi composto pelos alunos matriculados no último semestre do curso de graduação em administração no período noturno. Mais uma vez o número equivale aos alunos formandos. Na IES A são 27 estudantes e na IES B são 26 estudantes. Assim, o total de respondentes foi de 53 alunos, e uma população de 54. Os dados foram analisados por meio das técnicas da estatística descritiva. A pesquisa foi realizada em novembro de 2007.

### 4 – CARACTERIZAÇÃO DOS RESPONDENTES

Nesta seção serão caracterizados os respondentes da pesquisa. A Tabela 01 apresenta a distribuição do número total de alunos concluintes, respondentes do curso de administração nas duas IES (A e B) onde se realizou a pesquisa.

Tabela 01 - Freqüências e Intervalos de Confiança (IC) dos alunos.

IES	Freqüência	Relativa	Acumulada	Início IC	Fim IC
A	27	0,5094	0,5094	0,3748	0,6440
B	26	0,4906	1,0000	0,3560	0,6252
<b>TOTAL</b>	<b>53</b>	<b>1,0000</b>			

Fonte: dados da pesquisa

O número total de alunos respondentes foi de cinquenta e três, sendo que vinte e sete (50,9%) são alunos concluintes do curso de administração da IES “A”, e vinte e seis (49,1%) são alunos concluintes do curso de administração da IES “B”.

Na Tabela 02 temos a distribuição do número de alunos concluintes dos cursos de administração, estudados no gênero masculino e feminino, levando em consideração o seu número absoluto de ocorrência e seu respectivo percentual.

Tabela 02 – Distribuição do número de alunos entre os gêneros.

IES	Masculino		Feminino		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
A	16	30,2	11	20,8	27	50,9
B	11	20,8	15	28,3	26	49,1
<b>TOTAL</b>	<b>27</b>	<b>50,9</b>	<b>26</b>	<b>49,1</b>	<b>53</b>	<b>100,0</b>

Fonte: dados da pesquisa

Verifica-se na Tabela 02 que, os alunos estudados do curso de administração das duas IES (A e B) estão distribuídos de forma equilibrada entre os gêneros (masculino e feminino). Constata-se na IES “A” que dezesseis alunos (30,2 %) são do gênero masculino, sendo levemente superior, que a ocorrência dos onze (20,8%) alunos do gênero feminino. Na IES “B” a situação se inverte, apresentando quinze alunos (28,3%) do gênero feminino, e onze alunos (20,8%) do gênero masculino.

A distribuição da idade dos alunos respondentes dos cursos de administração na IES “A” e “B”, levando-se em consideração a categorização jovem (até 23 anos), meia idade (24 a 29 anos), e avançados (acima de 30 anos) é demonstrada na Tabela 03.

Tabela 03 – Distribuição das idades dos alunos.

IES	Jovem	Meia Idade	Avançado	TOTAL
A	17,0	22,6	7,5	47,2
B	13,2	28,3	5,7	47,2
<b>TOTAL</b>	<b>30,2</b>	<b>50,9</b>	<b>13,2</b>	<b>94,3</b>

Fonte: dados da pesquisa

Constata-se na Tabela 03 que, de um modo geral, as turmas são mais maduras, sendo 50,9% dos alunos das duas IES categorizados como meia idade, e que um percentual de alunos de 30,2% é categorizado como sendo jovem. Percebe-se uma leve superioridade do público jovem (até 23 anos) na IES “A” (17%), em relação à IES “B” (13,2%). Apenas 13,2 % dos alunos, das duas IES, se incluem na categorização de avançado.

A Tabela 04 apresenta a distribuição do estado civil dos alunos concluintes, respondentes de administração nas IES “A” e “B”, de acordo com o percentual de ocorrência.

Tabela 04 – Distribuição do estado civil dos alunos.

IES	Solteiro	Casado	Viúvo	Separado	Outros	TOTAL
A	37,7	5,7	0,0	5,7	1,9	50,9
B	39,6	3,8	0,0	5,7	0,0	49,1
<b>TOTAL</b>	<b>77,4</b>	<b>9,4</b>	<b>0,0</b>	<b>11,3</b>	<b>1,9</b>	<b>100,0</b>

Fonte: dados da pesquisa

A Tabela 04 mostra que, em ambas as turmas há uma alta incidência de solteiros (77,4%), sendo mínima a diferença nos percentuais entre a IES “A” (37,7%) e a IES “B” (39,6%). O percentual total dos alunos separados (11,3%) é levemente superior ao dos alunos casados (9,4%). Na IES “A” o percentual dos alunos casados (5,7%) é levemente superior, ao percentual de casados da IES “B” (3,8%).

Nas Tabelas 5 e 6 são apresentados as freqüências relativas sobre o total do local de trabalho dos alunos e freqüências relativas sobre os totais em linhas do local de trabalho dos alunos pesquisados.

Tabela 5 – Frequências relativas sobre o total (%) do local de trabalho dos alunos

IES	Adm. Pública	Iniciativa Privada Comércio	Terceiro Setor	Iniciativa Privada Indústria	Iniciativa Privada Serviços	Não Trabalha	Outros	TOTAL
A	5,7	13,2	1,9	3,8	18,9	5,7	1,9	50,9
B	0,0	7,5	0,0	15,1	13,2	3,8	9,4	49,1
<b>TOTAL</b>	<b>5,7</b>	<b>20,8</b>	<b>1,9</b>	<b>18,9</b>	<b>32,1</b>	<b>9,4</b>	<b>1,3</b>	<b>100</b>

Fonte: dados da pesquisa

Tabela 6 - Frequências relativas sobre os totais em linhas (%) do local de trabalho dos alunos

IES	Adm. Pública	Iniciativa Privada Comércio	Terceiro Setor	Iniciativa Privada Indústria	Iniciativa Privada Serviços	Não Trabalha	Outros	TOTAL
A	11,1	25,9	3,7	7,4	37,0	11,1	3,7	100
B	0,0	15,4	0,0	30,8	26,9	7,7	19,2	100

Fonte: dados da pesquisa

Na análise do local de trabalho dos alunos pesquisados, Tabela 5 e Tabela 6 constata-se que, o maior percentual encontrado é de alunos com local de trabalho na “iniciativa privada – prestação de serviços” (32,1%). Chegou-se a conclusão que: na IES “A”, a maior ocorrência é de trabalho na “iniciativa privada – prestação de serviços” (37%); já na IES “B”, a maior ocorrência é da “iniciativa privada – indústria” (30,8%).

A Tabela 05 apresenta a frequência relativa sobre o total percentual dos alunos formandos, do curso de administração das IES “A” e “B”, de acordo com a função profissional que exercem.

Tabela 07 - Frequências relativas sobre o total (%) da função profissional exercida pelos alunos.

IES	Operacional	Gerência Média	Direção	Supervisão	Alta Gerência	Proprietário	Outros	TOTAL
A	20,8	5,7	1,9	1,9	0,0	9,4	3,8	43,4
B	15,1	13,2	0,0	3,8	0,0	0,0	1,3	43,4
<b>TOTAL</b>	<b>35,8</b>	<b>18,9</b>	<b>1,9</b>	<b>5,7</b>	<b>0,0</b>	<b>9,4</b>	<b>5,1</b>	<b>86,8</b>

Fonte: dados da pesquisa

Verifica-se, ao observar a Tabela 07, que a maioria dos alunos (35,8%) das IES “A” e “B” trabalha em funções “operacionais” nas empresas. A segunda maior incidência ocorre, de alunos, que exercem funções em “gerência média” (18,9%). O ponto relevante é que a IES “A” apresenta um alto percentual de pesquisados, trabalhando em nível operacional (20,8%). Também na IES “B”, a maior ocorrência de pesquisados trabalha em nível operacional (15,1%), no entanto, a sua segunda maior ocorrência está na “gerência média” (13,2%), percentual este que é maior do encontrado na IES “A” (5,7 %). Porém, ao se analisar quantos alunos exercem a função de “proprietário” na IES “A”, constata-se a ocorrência do percentual de 9,4%; já o percentual de alunos “proprietário” é inexistente (0%) na IES “B”.

A Tabela 08 aponta a distribuição percentual das funções exercidas pelos alunos respondentes, dos cursos de administração nas IES “A” e “B”, em relação ao gênero. Verifica-se assim, se há diferenças entre homens e mulheres na função profissional.

Tabela 08 – Função profissional em relação ao gênero (%) dos alunos.

<b>Função profissional</b>	<b>Masculino</b>	<b>Feminino</b>	<b>TOTAL</b>
Operacional	42,1	57,9	100
Gerência Média	70,0	30,0	100
Direção	100,0	0,0	100
Supervisão	66,7	33,3	100
Alta Gerência	0	0	0
Proprietário	80,0	20,0	100
Outros	37,5	62,5	100

Fonte: dados da pesquisa

Ao analisar a Tabela 08, quanto à função profissional de todos os pesquisados em relação ao gênero, percebe-se que, como proprietário (a) 80% dos alunos entrevistados são do gênero masculino, e 20% do gênero feminino. No nível gerência média, 70% são do gênero masculino e 30% do gênero feminino. Em nível de supervisão, 66,7% são do gênero feminino e 33,3% são do gênero masculino. O nível operacional é composto por 57,9% do gênero feminino, e de 42,1% do gênero masculino.

A Tabela 09 apresenta as freqüências encontradas referentes ao setor de atuação dos alunos concluintes, do curso de administração nas IES “A” e “B”.

Tabela 09 - Freqüências relativas sobre o total (%) do setor de atuação dos alunos.

<b>Função profissional</b>	<b>IES A</b>	<b>IES B</b>	<b>TOTAL</b>
Administrativo	30,2	20,8	50,9
Vendas	3,8	9,4	13,2
Comércio Exterior	0,0	9,4	9,4
Controladoria	0,0	1,9	1,9
Financeiro	11,3	1,9	13,2
Outros	0,0	1,9	1,9
<b>TOTAL</b>	<b>45,3</b>	<b>45,3</b>	<b>90,6</b>

Fonte: dados da pesquisa

Ao observar a Tabela 09, constata-se que mais da metade dos alunos (50,9%) concluintes, do curso de administração das IES “A” e “B”, atuam no setor administrativo. Na segunda maior ocorrência ocorre empate entre dois setores: vendas e financeiro (13,2 %). Ao analisar separadamente as duas IES, percebe-se que, a segunda principal atuação dos alunos concluintes respondentes da IES “A” está no setor financeiro (11,3%). Porém, na IES “B”, o segundo lugar é ocupado por dois setores de atuação: vendas e comércio exterior (9,4% cada uma).

#### 4.1 Interesse na educação continuada

A Tabela 10 apresenta as freqüências, encontradas em resposta à pergunta feita aos alunos respondentes concluintes, do curso de administração das IES “A” e “B”: “Você tem interesse em continuar os estudos, logo após a graduação”?

Tabela 10 - Freqüências observadas no interesse em fazer pós-graduação (%).

<b>IES</b>	<b>Sim</b>	<b>Não</b>	<b>TOTAL</b>
A	37,7	15,1	52,8
B	39,6	5,7	45,3
<b>TOTAL</b>	<b>77,4</b>	<b>20,8</b>	<b>98,1</b>

Fonte: dados da pesquisa

Percebe-se, a partir da análise da Tabela 10, que a grande maioria dos alunos (77,4%) pretende continuar seus estudos, imediatamente após o término da graduação. O maior

número de alunos querendo fazer pós-graduação, imediatamente após o término da graduação (39,9%), se encontra na IES “A”; e o maior número de alunos que, não querem fazer a pós-graduação imediatamente após o término da graduação (15,1%), estuda na IES “B”.

A Tabela 11 demonstra os motivos considerados impedimentos para continuar os estudos, imediatamente após a graduação, na opinião dos alunos concluintes do curso de administração das IES “A” e “B”.

Tabela 11 – Frequências dos motivos de impedimento da pós-graduação (%).

<b>Motivos</b>	<b>IES A</b>	<b>IES B</b>	<b>TOTAL</b>
Recursos Financeiros	5,7	3,8	9,4
Tempo	3,8	0,0	3,8
Empresa	0,0	0,0	0,0
Viagens	0,0	0,0	0,0
Família	0,0	0,0	0,0
Desgaste	1,9	3,8	5,7
Outros	1,9	0,0	1,9
<b>TOTAL</b>	<b>13,2</b>	<b>7,5</b>	<b>20,8</b>

Fonte: dados da pesquisa

De acordo com os dados da Tabela 11, analisando as respostas dos alunos concluintes do curso de administração das IES “A” e “B” (20,8%), o maior impedimento para fazer a pós-graduação, imediatamente após o término da graduação, apontado por todos os respondentes do questionário foi o a falta de recursos financeiros (9,4%). Este motivo ocorre com uma frequência levemente superior para os alunos da IES “A” (5,7%), do que para os alunos da IES “B” (3,8). O desgaste pelos anos de estudo é a segunda maior ocorrência (5,7%). Este motivo ocorre frequentemente nas respostas dos alunos da IES “B” (3,8%), sendo menos freqüente nas respostas da IES “A” (1,9%). A falta de tempo é o terceiro impedimento ocorrente (3,8%), e é citado apenas nas respostas dos alunos da IES “A”.

A Tabela 12 mostra as frequências observadas junto aos alunos concluintes, do curso de administração, nas IES “A” e “B”, que pretendem realizar pós-graduação (75,5%) em relação ao intervalo de tempo, entre o fim da graduação e o retorno aos estudos.

Tabela 12 – Intervalo de tempo para retornar aos estudos (%).

<b>Intervalo de tempo</b>	<b>IES A</b>	<b>IES B</b>	<b>TOTAL</b>
Não tem interesse	5,7	1,9	7,5
Imediato	9,4	5,7	15,1
Após 1 ano	11,3	26,4	37,7
Após 2 anos	5,7	5,7	11,3
Após 3 anos	1,9	0,0	1,9
Após 4 anos	0,0	0,0	0,0
Após 5 anos	1,9	0,0	1,9
<b>TOTAL</b>	<b>35,8</b>	<b>39,6</b>	<b>75,5</b>

Fonte: dados da pesquisa

Através da análise dos dados da Tabela 12, referente à resposta da pergunta feita, sobre dentro de quanto tempo pretende fazer pós-graduação, constata-se que, dentro do total de respondentes desta questão, a maioria deles (37,7%) pretende fazer a pós-graduação um ano após o término da graduação; apenas 15% dos alunos pretendem continuar os estudos imediatamente; e 11,3% afirmaram que a realizaria após pausa de 2 anos.

#### 4.2 Nível de ensino pretendido pelos alunos, em pós-graduação.

A Tabela 13 expõe as frequências encontradas para o nível de ensino de pós-graduação, que os alunos respondentes concluintes do curso de administração, das IES “A” e “B”, pretendem chegar.

Tabela 13 - Frequências do nível de pós-graduação que os alunos pretendem chegar (%).

Nível	IES A	IES B	TOTAL
Especialização	11,3	22,6	34,0
Mestrado	24,5	13,2	37,7
Doutorado	11,3	7,5	18,9
<b>TOTAL</b>	<b>47,2</b>	<b>43,4</b>	<b>90,6</b>

Fonte: dados da pesquisa

Ao analisar a Tabela 13, no que se refere ao nível de ensino em que os alunos respondentes querem chegar, percebe-se que, a maioria (37,7%) pretende chegar até ao nível de mestrado, seguido muito de perto por aqueles que pretendem chegar até ao nível de especialização (34%). O resultado mostra que, os alunos da IES “B” têm nítida preferência pela especialização (22,6%), e os alunos da IES “A” preferem o mestrado (24,5%).

#### 4.3 Instituição pretendida para realizar a pós-graduação

A Tabela 14 apresenta a instituição pretendida pelos alunos respondentes, concluintes do curso de administração das IES “A” e “B”, que pretendem realizar pós-graduação.

Tabela 14 - Frequências da instituição pretendida para a pós-graduação (%).

Instituição pretendida	IES A	IES B	TOTAL
Mesma	18,9	15,1	34,0
Outra cidade	17,0	9,4	26,4
Outro país	1,9	7,5	9,4
Outra na mesma cidade	0,0	7,5	7,5
Outra em outro estado	3,8	3,8	7,5
<b>TOTAL</b>	<b>41,5</b>	<b>43,4</b>	<b>84,9</b>

Fonte: dados da pesquisa

Analisando a Tabela 14, sobre a escolha da instituição para a realização do curso de pós-graduação, a maioria dos respondentes (34%) escolheu a mesma instituição onde estão realizando a graduação. Mas, um número expressivo de alunos (26,4%) prefere fazer a pós-graduação, em instituição de outra cidade; neste sentido, a IES “A” apresenta o maior número de alunos (17%).

#### 4.4 Período preferido para as aulas de pós-graduação.

A Tabela 15 mostra qual o período preferido para as aulas de pós-graduação, na opinião dos alunos respondentes, concluintes do curso de administração das IES “A” e “B”.

Tabela 15 - Frequências das preferências do período das aulas de pós-graduação (%).

Período das aulas	IES A	IES B	TOTAL
Noturno (durante a semana)	15,1	15,1	30,2
Todo final de semana	1,9	3,8	5,7
Quinzenal (à noite)	17,0	9,4	26,4
Quinzenal (no final de semana)	7,5	13,2	20,8
Outros	1,9	0,0	1,9
<b>TOTAL</b>	<b>43,4</b>	<b>41,5</b>	<b>84,9</b>

Fonte: dados da pesquisa.

Observando os dados da Tabela 15, conclui-se que, a preferência de 30,2% dos alunos é para aulas, à noite, durante a semana. Os alunos que preferem aulas quinzenais, à noite, correspondem a 26,4 %; e um percentual de 20,8 % prefere aulas quinzenais, durante o final de semana.

#### 4.5 Modalidade das aulas de pós-graduação

A tabela 16 referenda a preferência pela modalidade das aulas de pós-graduação na opinião dos alunos respondentes, concluintes do curso de administração das IES “A” e “B”.

Tabela 16 – Frequências da preferência da modalidade de cursos de pós-graduação (%)

Modalidade	IES A	IES B	TOTAL
Presencial	32,1	26,4	58,5
À Distância	1,9	0,0	1,9
Misto	9,4	15,1	24,5
<b>TOTAL</b>	<b>43,4</b>	<b>41,5</b>	<b>84,9</b>

Fonte: dados da pesquisa

Ao observar a Tabela 16, constata-se que, a maioria dos alunos prefere aulas presenciais (58,5%). A preferência por aulas mistas (presenciais e à distância) é de 24,5% dos entrevistados. Apenas um pequeno percentual prefere ter aulas, totalmente à distância (1,9 %).

#### 4.6 Auxílio financeiro por parte da empresa

A Tabela 17 apresenta a frequência de respostas à pergunta feita aos alunos concluintes de administração das IES “A” e “B”: “A empresa, onde trabalham, auxilia financeiramente para a realização do curso de pós-graduação?”.

Tabela 17 - Frequências do auxílio financeiro das empresas para pós-graduação (%)

Auxílio financeiro	IES A	IES B	TOTAL
Integral, se for do interesse da empresa.	3,8	3,8	7,5
Parcial, se for do interesse da empresa.	5,7	5,7	11,3
Integral, para qualquer curso escolhido.	0,0	0,0	0,0
Parcial, do curso escolhido.	1,9	1,9	3,8
Não ajuda.	24,5	26,4	50,9
<b>TOTAL</b>	<b>35,8</b>	<b>37,7</b>	<b>73,6</b>

Fonte: dados da pesquisa

Analisando a Tabela 17, concluiu-se pelas respostas obtidas que, para a metade dos alunos (50,9%), a empresa na qual trabalham não ajuda a pagar curso de pós-graduação; para 11,3% dos entrevistados, a empresa paga parcialmente, se tiver interesse no curso escolhido pelo aluno; e, se o curso for de interesse da empresa, para 7,5% dos alunos, a empresa paga integralmente o curso de pós-graduação.

#### 4.7 Principais áreas de interesse em pós-graduação.

A área classificada como de “Maior Interesse” para os alunos concluintes do curso de administração das IES “A” e “B”, para a realização de curso de pós-graduação, foi a de administração, com número de ocorrências de 17 alunos, correspondendo a 32,1%. Em segundo lugar ficou o curso de pós-graduação em finanças, com 13 escolhas (24,5%). O terceiro lugar é ocupado pela pós-graduação em empreendedorismo, pela escolha de 10 alunos (18,9%). O curso de pós em marketing, citado por 8 alunos (15,1%), aparece em quarto lugar;

e o quinto lugar, como escolha de 7 alunos (13,21%), é ocupado pela pós-graduação em Recursos Humanos (RH).

Tabela 18 - Principais áreas de interesse em pós-graduação (%)

Modalidade	Administração	Finanças	Empreendedorismo	Marketing	RH
<b>Maior interesse</b>	32,1%	24,5	18,9%	15,1%	13,2%

Fonte: dados da pesquisa

Resumidamente, constata-se que, os alunos concluintes do curso de administração das IES “A” e “B”, no que se refere ao interesse em pós-graduação, apresentam as seguintes preferências: a grande maioria dos alunos (77,4%) pretende continuar seus estudos, imediatamente após o término da graduação, tem pretensões de realizar um mestrado (37,7%) estudando na mesma instituição da graduação (34%), com aulas presenciais (58,5%), sem o auxílio financeiro da empresa onde trabalham (59,7%), e farão pós-graduação na área Administrativa (32,1%).

## 5. CONCLUSÃO

Através dos dados fornecidos pela pesquisa, observa-se que, a maioria dos alunos concluintes pretende continuar sua educação e, conseqüentemente, sua capacitação e aperfeiçoamento em suas respectivas áreas de interesse e atuação. Faz-se necessário destacar que, a predominância de alunos que atuam em níveis operacionais, pode revelar um possível interesse em busca de melhores posições organizacionais, através da melhoria de performance.

A preferência dos alunos pesquisados, no que se refere ao nível em que pretendem atingir em pós-graduação, demonstra que o interesse está voltado para os cursos de especialização (34%) e mestrado (37,7%), qualificados anteriormente como *lato sensu* e *stricto sensu*, respectivamente. Assim, evidencia-se a busca por conhecimentos específicos por parte dos alunos pesquisados, e também, o interesse significativo pela formação para docente.

Quanto às formas do aprendizado contínuo, os alunos estudados nesta pesquisa optaram pela modalidade presencial com 58,5% de escolha. A modalidade à distância é citada por apenas 1,9% dos alunos pesquisados, o que confirma Domingues (2007), que diz que, no Brasil, a educação à distância precisa ser ainda desmistificada.

Esta pesquisa revelou que, uma grande concentração de alunos concluintes, atuam na área operacional, assim, uma questão que poderia vir a ser pesquisada é, se estes alunos vêem a pós-graduação como uma possibilidade de crescimento organizacional ou, como um simples aperfeiçoamento para as suas atividades.

O fato da maioria dos bacharelados demonstrarem interesse, por cursos de pós-graduação na área administrativa, também é uma questão que merece maior estudo, uma vez que hoje existem tantas áreas emergentes e modernas de especialização, contrastando opostamente com a preferência dos alunos desta pesquisa, que preferem continuar seus estudos na área genérica administrativa. Outro ponto de merecido destaque apresentado na pesquisa, é que a maioria das empresas não auxilia financeiramente seus funcionários. Este aspecto poderá ser abordado em pesquisas futuras, com o objetivo de identificar se, o motivo do não investimento em cursos de pós-graduação para funcionários, pode estar ligado ao descrédito da relação teoria-prática.

Nosso objetivo foi alcançado ao observar os resultados da pesquisa sobre o perfil de graduandos de administração e suas expectativas para continuação de sua educação, demonstrando que, a consciência da necessidade, e por conseqüência a busca de uma

Educação Continuada, se fazem presentes neste grupo. No entanto, este assunto deve ser explorado mais vezes, para que as Instituições de Ensino Superior venham a conhecer as expectativas e necessidades de seu público para a pós-graduação. Assim, elas poderão oferecer cursos de pós-graduação de excelência, integrados com a comunidade, bem estruturados, que venham de encontro às necessidades de seus alunos/trabalhadores.

## REFERÊNCIAS

ABBAD, G. S.; PILATI, R.; PANTOJA, M. J. Avaliação de treinamento: análise da literatura e agenda de pesquisa. **Revista de administração da USP**, v.38, n.3, p. 205-18, 2003.

ALBANDES-MOREIRA, Luiz Alcione; Administrador: entre o ser, o vir-a-ser, o estar, o vir-a-estar: a conceptualização de administrador por um grupo de professores de uma escola de administração, e algumas implicações sobre a formação do administrador. In: ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 29., 2005, Brasília. **Anais...** Brasília: ANPAD, 2005. 1 CD-ROM.

BRASIL. Ministério da Educação. **Conselho Nacional de Educação**. Câmara de Educação Superior. Parecer nº 146, de 2002. Brasília, DF, 3 abr. 2002.

CAVALCANTE, Lídia Eugenia. **Educação e aprendizagem contínua em comunidade de informação**. Disponível em < <http://www.biblioteca.ufc.br/arteeducação.html>>. Acesso em 15 jul. 2006.

DILLY, Cirlene Maria Lessa; JESUS, M.C.P.de. **Processo educativo em enfermagem: das concepções pedagógicas à prática profissional**. São Paulo: Robe, 1995. Cap. 2, p. 51-122: Situações de ensino em enfermagem.

DOMINGUES, Maria José C. de S.; ZOSCHKE, Ana Claudia K.; DALFOVO, Michel Samir. Novas tecnologias no contexto educacional: a modalidade semi-presencial no ensino de Administração em Santa Catarina, Brasil. In: SILVEIRA, Amélia; DOMINGUES, Maria José C. de S.. (Org.). **Ensino na área de administração e avaliação em instituições de ensino superior**. Blumenau: EDIFURB, 2006, p. 249-268.

EBOLI, Marisa. **“O desenvolvimento das pessoas e a educação corporativa”**. In: FLEURY, Maria Tereza Leme (org.) et alii. *As Pessoas na Organização*. São Paulo: Editora Gente, 2002.

GIULIANI, Antonio Carlos; NETTO, Arsênio Firmino de Novaes; PONCHIO, Mateus Canniatti; NETO, Mário Sacomano; BATISTA, Clemilson Marques. MBAs, Mestrados Acadêmicos, **Mestrados Profissionais e Doutorados em Administração: suas contribuições para o ensino e a pesquisa**. Revista Eletrônica do Mestrado de Administração da UNIMEP - Edição Especial - v.4, n.1. Janeiro/Abril – 2007.

GONÇALVES, Carlos Alberto ; BANDEIRA, M. L. ; VEIGA, Ricardo Teixeira . Avaliação da Qualidade do Ensino de Pós-Graduação: Elementos para a Construção e Validação de um Instrumento de Pesquisa. In: Cladea - XXXIII Asamblea del Consejo Latinoamericano de Escuelas de Administración, 1998, Santo Domingo. Anais de XXXIII CLADEA, 1998.

GOUVÊA, Maria A.; ZWICKER, Ronaldo. O mestrado profissionalizante e o perfil dos alunos de um mestrado acadêmico: resultados de uma pesquisa empírica. **Caderno de Pesquisa em Administração**. Jul/Set 2000. São Paulo, v.07, nº 3, p.99-110.

GROHMANN, Márcia Z. Influências de um curso de pós-graduação no processo de aprendizagem gerencial. 2004. 307f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

JULIATO, Antonio C. Formação profissional do administrador de empresas: a questão da educação continuada. Anais XIV ENANGRAD. Foz do Iguaçu: ENANGRAD, 2003. Disponível em <http://www.angrad.org.br>. Acesso em 17.08.2007.

LEITE, Ana C. T.; LIMA, Criseida A. **Técnicas e habilidades: educação continuada para a formação do administrador atual**. In: ENCONTRO NACIONAL DE CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 8., 1997, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ENANGRAD, 1997. Disponível em <<http://www.angrad.org.br>>. Acesso em: 15 julho 2007.

LEITE, Haroldo Cristovam Teixeira; **Metodologia para o estabelecimento de um programa de educação continuada numa instituição de ensino**. 2002. 239f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002. Disponível em <<http://teses.eps.ufsc.br/defesa/pdf/6664.pdf>>. Acesso em: 15 julho 2007.

MAINARDES, Emerson Wagner; DESCHAMPS, Marcelo; DOMINGUES, Maria José C. de S. . Avaliação das expectativas de graduandos em administração na continuidade de seus estudos: a pós-graduação na modalidade especialização. In: SILVEIRA, Amélia; DOMINGUES, Maria José C. de S.. (Org.). **Ensino na área de administração e avaliação em instituições de ensino superior**. Blumenau: EDIFURB, 2006, p. 249-268.

MARIN, Alda Junqueira. **Educação Continuada: introdução a uma análise de termos e concepções**. 1ed. Campinas, São Paulo : Caderno do Centro de Estudos Educação e Sociedade - Cedes – nº 36, 1995. pp. 13-20.

MELO, Simone L. de; BORGES, Livia de O. Transição universidade-mercado de trabalho na ótica do jovem. In: ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 29., 2005, Brasília. **Anais...** Brasília: ENANPAD, 2005. 1 CD-ROM.

MONTEIRO, Dirce Charara; GIOVANI, Luciana Maria. Formação continuada de professores: o desafio metodológico. In: MARIN, Alda Junqueira (Org.). **Educação continuada: reflexões alternativas**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 2004.

NUNES, Simone C.; FERRAZ, Dalini M. **A reforma do ensino no Brasil e a inserção da noção de competências**: um estudo empírico em instituições de educação superior. In: ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 29., 2005, Brasília. **Anais...** Brasília: ENANPAD, 2005. 1 CD-ROM.

PAIVA, Vanilda; RATTNER, Henrique. **Educação permanente e capitalismo tardio**. São Paulo : Cortez: Autores Associado, 1985.

PORTO, Caludio; RÉGNIER. **O Ensino Superior no Mundo e no Brasil** – condicionantes, tendências e cenários para o horizonte 2003-2025.

SAMWAYS FILHO, João Leopoldo. **Percepções e ações sobre a pós-graduação lato sensu como fator regulador na qualidade do ensino superior**. In: MELO, Pedro Antônio; COLOSSI, Nelson. (Org.). **Cenários da gestão universitária na contemporaneidade**. Florianópolis: Insular, 2004.

SOUTO, Leonardo. F.; PORTELA, Patrícia. O. . **O SDI como instrumento de educação continuada: a responsabilidade das universidades no treinamento dos usuários**. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v. 8/9, p. 123-133, 2004.